



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 09 – Ano V – 05/2016
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Processo de constituição identitária do capoeirista: contribuição dos grupos de capoeira na configuração da subjatividade dos seus praticantes

Prof. MSc. Leandro Ribeiro Palhares
Doutorando em Estudos Interdisciplinares do Lazer – EEEFTO-UFMG – Brasil
Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3832130931221600>
E-mail: leandro_palhares@yahoo.com.br

Prof. Dr. Walter Ude
Doutor em Psicologia – Universidade de Brasília – UnB – Brasil
Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação em Estudos
Interdisciplinares do Lazer – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4475249872780568>
E-mail: walterudebh@hotmail.com

Resumo: Este ensaio tem por objetivo refletir sobre a constituição identitária de capoeiristas e a contribuição dos grupos de capoeira neste processo. Para entender tais processos de formação faz-se necessária a contextualização ao longo do tempo: uma característica comum, presente em todo o percurso histórico da capoeira é a organização de seus praticantes em grupos. Há uma relação direta entre grupo e identidade, ou seja, tornar-se membro de um determinado grupo diferenciado gera a constituição da identidade individual e social de cada sujeito. Para isso, adotamos o referencial teórico histórico-cultural, consonante com as ideias de Fernando Rey e Vigotski, no intuito de compreender melhor as complexas relações entre sujeito, subjatividade, sentidos, significados e identidade.

Palavras-chave: Capoeira. Abordagem Histórico-Cultural. Identidade.

Introdução

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre a constituição identitária de capoeiristas e a contribuição dos grupos de capoeira neste processo. Para tanto, torna-se fundamental compreender as relações complexas que permeiam a configuração de um grupo de capoeira quanto às suas possibilidades de experiências culturais e sociais e aos seus aspectos, práticas e modos de organização, bem como aos seus processos educativos considerando o lugar do Mestre na produção de sentidos e significados presentes nessa prática cultural de matriz afrodescendente (ARROYO, 2002; GOHN, 2006).

Entre muitos praticantes de capoeira persiste a valorização do conhecimento adquirido no tempo, quer dizer, os Mestres mais antigos, mesmo não apresentando a mesma virtuosidade corporal, são valorizados e reconhecidos por seus pares como guardiões de um legado, portadores dos fundamentos¹ da capoeira (ABIB, 2006). Deste modo, um grupo de capoeira pode ser compreendido como um tempo e espaço de formação por meio da “tradição, ancestralidade, ritual, memória coletiva, solidariedade e num profundo respeito à sabedoria do mais velho” (ABIB, 2006, p.87), que juntamente com outros preceitos africanos, tais como, oralidade e confiança, compõem o que Muniz Sodré denomina de Pedagogia do Segredo.

Aprender com o convívio e a experiência contribui para a socialização e sociabilidade dos sujeitos, como também a aquisição de valores e conhecimentos culturais, possibilitando aos praticantes que ampliem seu espectro de visão de mundo e ressignifiquem suas relações sociais a partir da perspectiva cultural de um grupo, o qual contribui para a configuração subjetiva do sujeito por meio das suas interações no mundo da capoeiragem (NOGUEIRA, 2007).

Para entender tais processos de formação torna-se fundamental a contextualização da capoeira ao longo do tempo, bem como considerar a presença ativa de capoeiristas que se tornaram protagonistas durante a nossa história. De acordo com Delgado (2006), a história é constituída de relações dinâmicas, geralmente, consequência das ações de sujeitos históricos. Desde sua origem até a conquista da abolição da escravatura, apesar das controvérsias desse episódio

¹ Saberes rituais, gestuais, musicais, filosóficos e espirituais adquiridos com a experiência vivida e transmitidos de Mestre para discípulo.

histórico, a capoeira representou uma prática de luta dos negros pela liberdade. Contudo, a partir da abolição oficial do sistema escravocrata, devido a diversas relações dinâmicas e complexas de entrelaçamentos políticos, econômicos e sociais, foram surgindo outras apropriações e novos usos para a capoeira, com a consequente alteração de seus sentidos e significados (ENNES, 2001; KANITZ; CAMPOS; UDE, 2011) para seus praticantes, os quais podem ser observados nos dias atuais em distintas perspectivas, devido a variações de estilos, diversidade de grupos, e a internacionalização da sua prática.

Todavia, é possível identificar uma característica comum, presente em todo o percurso histórico da capoeira: sua origem, desenvolvimento, sobrevivência, adaptação, consolidação e expansão se deram por conta da organização de seus praticantes em grupos². Cabe ressaltar aqui que esses grupos são uma reunião de pessoas que se unem através do que Cordeiro (2007) descreve como referencial cultural: conjunto de valores, crenças, costumes, rituais, tradições e formas de aprendizagem, que passa a constituir uma identidade cultural, individual e coletiva e, conseqüentemente, a identidade pessoal.

Um grupo apresenta duas premissas constitutivas: pessoalidade e coletividade. Uma delas confere sua característica coletiva e social que atribui significado aos símbolos (verbais, gestuais e rituais) para seus participantes; portanto, expressa algo mais objetivo, comum aos componentes do grupo. A outra premissa confere sua característica pessoal, portanto, mais individual, subjetiva e que permite a cada membro do grupo conferir sentido (próprio) aos símbolos e significados sociais do grupo (MAHEIRIE, 2002). Esta relação dialética, conflitiva e complexa entre as duas premissas (pessoal e coletiva) também representa o alicerce da constituição da identidade humana, já que esta se caracteriza pelo sentimento de pertencimento, alusivo ao coletivo (grupalo) e pela capacidade de diferenciação, alusiva ao indivíduo que possibilita-o tornar-se único naquele espaço social (REY, 2003; VIGOTSKI, 1993; 1996).

Assim, há uma relação direta, porém não linear, entre grupo e identidade, ou seja, tornar-se membro de um determinado grupo social gera a constituição da identidade individual e social, de cada sujeito. A trajetória histórica da capoeira ao

² Ao longo dos tempos tiveram diferentes nomenclaturas: quilombos, maltas, bandos, terreiros, barracões, casas e grupos.

longo de séculos reflete uma organização complexa de processos de pertencimento e diferenciação, de constituição de identidades sociais e individuais pelo envolvimento em organizações coletivas.

A capoeira enquanto um processo histórico-cultural

Muitos capoeiristas se constituem, social e culturalmente, devido à imersão em um grupo de capoeira e em constante interação com outros capoeiristas e, principalmente, com seu Mestre: tido por muitos como um verdadeiro educador social. Desta forma, é pertinente e relevante compreender como esse processo educativo “[...] de construção/afirmação de identidade étnico-cultural e os reflexos do mesmo na sua práxis pedagógica” (SANTOS, 2004, p.59) ocorre dentro dos processos de ensino de um grupo de capoeira. Além disso, em diálogo com a proposta de desenvolvimento cultural de Vigotski (1993; 1996), estes sujeitos passam a se ver e a serem vistos, inclusive em outros ambientes (por exemplo: trabalho, estudo e família), por meio dessa outra significação social e cultural que permeia seus modos de expressão configurados na sua subjetividade em diálogo pela práxis da capoeira (KANITZ, 2011).

Com isso, pensamos que a compreensão de como ocorre este processo dialético e semiótico de desenvolvimento humano (social, cultural e identitário) no contexto de um grupo de capoeira pode ser compreendido com o suporte conceitual e epistemológico da teoria histórico-cultural de Vigotski e seu desdobramento através da teoria da subjetividade de Fernando Rey. De acordo com essas perspectivas histórico-culturais podemos estabelecer interlocuções entre as complexas relações entre sujeito, subjetividade, sentidos, significados e identidade.

Para Rey (2004, p.158), “... a identidade tem a ver com a mudança que aparece como resultado de uma sequência de produção de sentidos que o sujeito adota como próprio”. Na capoeira tal premissa se confirma, pois as linguagens corporais, rítmicas, musicais e simbólicas são apreendidas em seus contextos de prática, também compreendidos como espaços específicos de subjetivação social ou ainda contextos produtores de sentido (REY, 2004).

No entanto, capoeiristas de um mesmo grupo e até mesmo discípulos de um mesmo Mestre, por mais que comunguem das mesmas linguagens e códigos

simbólicos ainda assim apresentam formas particulares de gingar e se movimentar, apesar de tocarem os mesmos instrumentos e produzir os mesmos acordes de forma distinta e individual. Segundo Rey (2002), a subjetividade individual se manifesta pelas histórias experienciadas por cada sujeito, individualmente. Para Silva e Cappelle (2013), a cultura constitui o sujeito em sua individualidade e também é constituída por ele “... representa um sistema subjetivo gerador de subjetividade” (p.3).

Rey (2004) corrobora com tal fenômeno quando explica que o “... sentido subjetivo das ações humanas define a identidade...”, ou seja, apesar do aprendizado de algumas habilidades, linguagens e códigos da capoeira ser permeado por regras e representações impostas aos capoeiristas (os significados coletivos), as características concretas de sua execução individual (os sentidos subjetivos) são determinadas socialmente e culturalmente. E o modo como cada indivíduo se apropria, à sua maneira, dos signos (por exemplo, na capoeira: o movimentar-se, os ritmos e os rituais de uma roda) é individual e único, apesar de ocorrer em um ambiente social, na coletividade (PALHARES, 2014).

Podemos dizer que o sentido é delimitado pela cultura e deve ser compreendido conjuntamente com as emoções articuladas na sua expressão, daí a ideia de subjetivo (REY, 2005). Em conformidade às ideias de Vigotski, o ser humano é constituído subjetivamente em sua própria história e os sentidos emergem sob a forma de registros emocionais ao longo desta trajetória de vida. Além disso, conforme Vigotski e Luria (1996), o pensamento enquanto organização mental superior tem uma origem cultural (devido a seus conteúdos socialmente adquiridos), por isso Fernando Rey nos relata que o sujeito é sujeito do pensamento, não em sua condição cognitiva, mas do pensamento enquanto um processo de sentidos subjetivos.

Vigotski (1987) e Morin (2002) apontam a integração entre sentido e significado como explicação do funcionamento da unidade indivíduo-sociedade. Nesse aspecto, um exemplo ilustrativo desta auto-organização das unidades complexas sentido-significado e sujeito-sociedade foi relatado por Melo (2013, p.138-139): “... [o] grupo dos capoeiras de rua [...] funcionava como um processo de resistência cultural [...] pelas expressões das subjetividades dos sujeitos através dos seus comportamentos, ações, discursos, escolha das indumentárias...”.

Na verdade, sentido e significado (individual e social) compõe uma unidade complexa, pois “... os sentidos [...] se constituem nas dinâmicas sociais, por meio da articulação entre a história de construção do universo psicológico e a experiência presente do sujeito” (KANITZ, 2011, p.27). Subjetividade, significado, sentido subjetivo e identidade, em suas interações relacionais, podem ser sintetizados na citação de Rey (2003, p.235), onde “o sujeito representa um momento de subjetivação dentro dos espaços sociais em que atua e, simultaneamente, é constituído dentro desses espaços...”.

E como a abordagem histórico-cultural de Vigotski e Fernando Rey compreende o sujeito e a sociedade enquanto uma unidade dialética e dialógica e, portanto, complexa, também existe o raciocínio inverso: “... a identidade é uma dimensão subjetivada do sujeito que só aparece na confrontação com experiências novas que o ameaçam em sua possibilidade de identifica-las como próprias” (REY, 2004, p.158). A fim de uma exemplificação concreta, Melo (2013), que investigou o ‘ser (um) capoeira de rua’ em Belo Horizonte no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, se valendo da perspectiva histórico-cultural de Fernando Rey, através da análise dos resultados que encontrou, corrobora com as premissas até aqui estabelecidas:

“... ficou evidenciado que esse conjunto de referenciais do “ser” capoeira de rua se configura ao longo de um processo marcado por eventos objetivos que, sendo vivenciados coletivamente, foram submetidos aos processos de subjetivação mediados pelo universo simbólico e pelas interações entre os participantes desse contexto de prática da capoeira” (MELO, 2013, p.111).

Podemos notar que a proposta de Rey (2003; 2005) se assemelha à de Vigotski (1996; 2000) por compartilhar uma visão unitária do todo pessoa-contexto, onde o ser humano se desenvolve em um contexto social, mas também contribui para o desenvolvimento dos outros e do próprio espaço. E é justamente isso que estamos refletindo neste ensaio: como um capoeirista se constitui como tal, inclusive para além das rodas de capoeira, por meio de sua práxis em um grupo de capoeira e, conseqüentemente, como sua práxis influencia a constituição dos demais capoeiristas e do próprio grupo. Na verdade, a intenção é dar visibilidade à capoeira enquanto um fenômeno complexo que se constitui a partir de contextos específicos e da história cultural de seus praticantes (MELO, 2013). E compreender a

complexidade da capoeira representa nunca perder sua dimensão integrada de 'todo', em relação a seus componentes constituintes (ex: roda, treinos, eventos, músicas, praticantes) e também de 'parte' de um sistema social estabelecido e igualmente dinâmico, a sociedade em seus múltiplos aspectos (ex: econômico, político e social).

De acordo com Morin (2002), um sujeito que se insere em novos espaços sociais e estratégias de ação pessoal nestes espaços opera em uma complexidade cada vez maior, caracterizando uma função autorreguladora. Essa capacidade autorreguladora possibilita a organização do sujeito nos seus modos singulares de expressão frente a momentos dinâmicos que exigem a articulação complexa de elementos subjetivos, históricos e sociais. Na capoeira, os praticantes se diferenciam pela cultura, quer dizer, aquilo que os une em um mesmo propósito e também os tornam semelhantes é o mesmo que os distingue uns dos outros! Nesse sentido, acreditamos que somente uma abordagem de caráter histórico-cultural, fundamentada nas propriedades de auto-organização dinâmica dos sistemas complexos pode ajudar a refletir na constituição identitária de um capoeirista por meio das suas experiências vividas em um grupo de capoeira.

Considerações finais

O objetivo deste ensaio foi refletir acerca de como grupos de capoeira, enquanto um contexto histórico-cultural, contribuem para a constituição identitária de seus praticantes. Ao adotarmos um referencial teórico consonante com as ideias de Fernando Rey e Vigotski buscamos um entendimento da capoeira como um fenômeno social complexo por meio de suas complexas relações do 'constituir e ser constituído' entre os diversos sentidos subjetivos e as subjetividades sociais produzidos em sua práxis. A escassez bibliográfica relativa ao tema justifica o espaço de produção científica referente aos processos identitários gerados por essa prática cultural brasileira de matriz africana. Estudos produzidos nessa direção poderão tornar mais visíveis elementos constitutivos da identidade étnico-racial do povo brasileiro, tão ocultados por histórias de opressão e desigualdade social oriundos do período colonial.

Referências

- ABIB, P.R.J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. *Caderno Cedes*, Campinas, v.26, n.68, p.86-98, 2006.
- ARROYO, M. Educação em tempos de exclusão. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Org.) *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, 2002, p.270-279.
- CORDEIRO, Y.C. *A participação da prática da capoeira no processo de constituição da identidade adolescente*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.
- DELGADO, L.A.N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ENNES, F.C.M. *Na escola da “fina flor da malandragem”, um grito não se cala! Capoeira: veículo de educação popular*. 2001. 60 f. Monografia (Especialização em Ensino da Educação Física/Esporte) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

GOHN, M.G.M. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, v.14, n.50, p.27-38, 2006.

KANITZ, R.C.M. *Capoeira angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais*. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

KANITZ, R.C.M.; CAMPOS, T.; UDE, W.E.M. Zoação, juventude e masculinidade: distintos sentidos e significados. In: ISAYAMA, H.F.; SILVA, S.R. *Estudos do Lazer: um panorama*, Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p.125-143.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, São Paulo, v.7, n.13, p.31-44, 2002.

MELO, V.T. *História da capoeira de rua de Belo Horizonte (1970-1990): manifestação cultural, lazer e política na sociedade moderna*. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NOGUEIRA, S.G. *Processos educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial*. 2007. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PALHARES, L.R. Vigotski jogaria capoeira? Apontamentos sobre a constituição de um capoeirista do ponto de vista da abordagem histórico cultural. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.14, p.988-995, 2014.

REY, F.L.G. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

REY, F.L.G. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

REY, F.L.G. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 2004.

REY, F.L.G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

SANTOS, I.P. Capoeira: educação e identidade étnico-cultural em grupos/academias da cidade de Salvador-BA. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.30, p.47-60, 2004.

SILVA, K.A.T.; CAPPELLE, M.C.A. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como possibilidade teórico-metodológica nos estudos de administração. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 4., 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: EnEPQ/ANPAD, 2013, p.1-13.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S. Pensamiento y palabra. *In: VYGOTSKY, L.S. Obras Escogidas, Tomo II*. Madrid: Visor Distribuciones, 1993, p.287-348.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L.S. Manuscrito de 1929 [traduzido do original russo por MARENITCH, A.; FREITAS, L.C.; SIRGADO, A.P.]. *Educação e Sociedade*, v.21, n.71, p.21-44, 2000.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: ArtMed, 1996.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 14/06/2016

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico gratuito (Acesso Aberto) divulgado nos programas brasileiros

Stricto Sensu (Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.